A morte de Adão

Morte_de_Adão_Piero_della_Francesca

*

Quando o mais velho dos homens morreu, ele sabia que Deus havia perdoado sua culpa; e também que, de certa forma, essa culpa era irreparável; daí ele extraiu a consequência inevitável e sombria, que se erguia diante dele como uma muralha de sombras.

*

Seus olhos se encheram de lágrimas, que fluíram por horas a fio, fio a fio. Sobre sua pilha de peles selvagens, antes de sua última tarde, que caia imensa e clara, em meio a seus filhos de todas as idades que vieram de todas as partes do mundo, ele, que dera nome a todas as coisas, permaneceu em silêncio. Em uma tremenda e silenciosa declaração, o Homem Decaído pediu a Deus a recriação do Homem. Todas as coisas lhe pareciam distantes, e ele sentia Deus como algo mais resistente e duro do que todas as coisas.

*

Eva, curvando-se, repousou a cabeça em seus joelhos e disse: “Adão”. E ele a sentiu estranha e distante; seus filhos já lhe eram estranhos e distantes. Em silêncio, todos os patriarcas hirsutos observavam: Seth, o segundo Abel, e seu filho Enos, que inventou o culto externo; Maaláil, que inventou a carruagem com rodas; Jared, o construtor de cabanas; o segundo Enoque, que andava com Deus, e seu filho, o gentil Matusalém, um homem como uma criança; Caimã, Lamec e Noé. Alguns dos filhos de Caim haviam se reunido, cautelosos: Jael, pai daqueles que vivem em tendas, e Tubal, o inventor da harpa e da trombeta, com Naamá, irmã de Tubal-Caim. Caim, o patriarca errante e negro, pai daqueles sem terra, estava ausente. Toda a carne corrompia seu caminho.

*

Novecentas e trinta vezes as quatro estações haviam passado sobre sua cabeça grisalha; ele vira o nascimento do filho do décimo segundo filho de seu segundo filho, o Primeiro Morto, desde que o Senhor o vestira com peles e ele sucumbira às terríveis convulsões da doença que jamais o abandonara.

*

Adão repassava com imensa dor em sua mente a vertiginosa decadência da humanidade, daqueles enxames humanos que agora fervilhavam por toda parte até desaparecerem de vista; e seus pensamentos turbulentos o torturavam como os espasmos insuportáveis de sua antiga doença.

*

Ele viu seu segundo filho morto a seus pés e reconheceu o pecado abominável de Lamec. Contemplou os estranhos costumes dos filhos de Caim e suas invenções precipitadas; eles haviam começado a matar ovelhas e comer sua carne, em vez de simplesmente tosquiar a lã e oferecê-la como sacrifício fumegante ao Criador; assim, ele obteve uma vida mais curta, mais agressiva e tumultuosa; Ele sabia que um grupo deles se sustentava saqueando as propriedades de seus irmãos, pilhando e matando com porretes de bronze afiados. Uma nova maldição surgira na terra espinhosa, contida na maldição da mulher: "Multiplicarei vossas gestações",

e na sua própria: "A terra vos dará espinhos"; um horrível fratricídio coletivo que ele chamara de "guerra". Viu homens enlouquecidos por ela, negligenciando o conhecimento de Deus, aguçando seus intelectos para criar instrumentos de dominação. Sentiu o coração desfalecer de angústia, pois ele, desviado de sua missão divina, era a causa de tudo aquilo. O homem, afinal, queria ser o senhor do universo. Seus filhos, sem Deus, buscavam reconquistar o Paraíso. A terra escura, jovem e ardente, cedia com um sorriso ambíguo aos seus esforços, como uma amada fecunda e traiçoeira.

*

Já falavam em construir uma torre que alcançaria os céus, instigados por Lamec, o construtor de muros de pedra, filho de Jabal, que era filho de Zilá, que era filho de Matusalém, que era filho de Meualá, que era filho de Irade, que era filho do primeiro Enoque, que era filho de Caim, na terra de Enoque, a leste do Éden. Já falavam em construir uma única e imensa cidade com portões de bronze que reuniria todos os homens, por vontade própria ou à força. Tinham muitas esposas e lutavam até a morte por elas. Construíam imitações grosseiras da Lei. Já era impossível deter tudo isso, as consequências de um único pecado, os desdobramentos infalíveis do orgulho infinito de querer ser como Deus sem Deus.

*

Ele também sabia como a Lei perdurava milagrosamente; sabia que em dezenas de tendas, à luz do fogo patriarcal, a cerimônia que inaugurara na noite da morte de Abel se repetia todas as noites: o ritual e a fiel repetição, realizada pelo Pai e murmurada pelos ouvintes, da Narrativa da Origem, das Genealogias, dos Quatro Grandes Mandamentos, das Quatro Grandes Verdades e das Sete Coisas que o Senhor Detestava. Mas aquele longo e sagrado canto, preservado como um rio em seu leito pedregoso, dentro das correntes dançantes das estrofes do estilo oral, quantos corações adormecidos encontrava! E já surgiam as imitações desajeitadas ou as inovações temerárias que chamavam de Pequenas Leis.

*

Só ele podia inventar livremente dentro dos graciosos colares da linguagem sagrada; mas já a repetiam incorretamente, omitindo passagens e, em seguida, comentando-a livremente com interpretações opostas. Ele sabia, porém, que a palavra do Senhor estava contida ali, na forma humana.

*

Ele ansiava por ver Deus. Sua dor atingiu o ápice. Era noite, noite verdadeira, a noite sem sono nem despertar, da qual ele pisaria com temor em um limiar desconhecido, assim como estivera no limiar solene do Paraíso no dia em que surgiu da terra. Lembrou-se de sua primeira exclamação: **“Eu sou!”**; de sua segunda exclamação: **“De onde?”**; de sua terceira e imensa exclamação, que o envolveu como uma asa de fogo: “**Oh Criador!**”, após a qual ouviu Deus e recebeu as Três Joias. Qual seria, dentro de um momento, a Nova Revelação?

*

As Três Joias estavam perdidas para sempre: **imortalidade, santidade essencial, integridade real.** Eram como três joias soltas de uma coroa, como três camadas de verniz celestial, como um manto triplo transparente de luz transcendental; mas quando foram arrancadas, ele sentiu como se levassem consigo a própria pele; ficou mais do que nu, despido. A partir de então, ele aguardou ansiosamente a chegada de seu primeiro filho, concebido no tumulto, no frenesi e na fúria. Queria ver se Deus criaria um novo Adão, se renovaria Sua estranha aposta. Sabia que não podia ser. E, de fato, não foi.

*

Quando se ajoelhou ao lado da mulher que gemia e recebeu aquele verme disforme e ensanguentado, ainda preso a ela; quando contemplou o desenho lamentável da criatura mais indefesa, mais impotente que uma toupeira doente, pouco mais que uma planta, soube que os Três Dons Divinos eram uma dádiva única e caprichosa, não concedida a ele pessoalmente, mas à espécie dentro dele; e que jamais se repetiriam, pois tudo o que é Supremo é sempre Um. Diante daquela ridícula miniatura da humanidade, movendo-se desajeitadamente, sentiu a dor da perda irreparável e desafiou Deus a criar um novo Adão, maior que ele próprio, não por sua causa, mas para que a Serpente impura não prevalecesse; enquanto a mulher, trazida de volta à vida, acolhesse e abrigasse zelosamente a prole em seu ventre.

*

Adão repetiu então seu desafio, transformando-o em súplica. Sentiu que Deus não o rejeitava; reconheceu os augustos sinais da Adoração. Tendo sido a obra perfeita e luxuosa das mãos de Deus, agora destruída, ele sabia que nada semelhante poderia ser feito, e não sabia como seria possível fazer algo melhor; mas também sabia que a Serpente precisava ser vencida. Ele reuniu todas as dores que havia sofrido e as que vira sofrer; e com imenso esforço, colocou-as sobre a cabeça e as ofereceu a Deus. Estendeu os braços no chão em gesto de súplica, juntou os pés e gemeu. Atravessando todo o tempo futuro, ofereceu-se ao Todo-Poderoso com todas as dores da humanidade, um homem de dores, conhecendo o que é a doença. Como a imensa noite repleta de estrelas, como a augusta e amarga calma do mar, como uma montanha fumegante imóvel em seu amplo trono, o Primeiro Homem falou com Deus; e seus filhos ouviram apenas seus soluços na escuridão. De repente, os soluços se transformaram em um único estertor. E houve um grande silêncio.

*

Reuniram os restos mortais daquele que nunca nasceu, mas simplesmente existiu, e os sepultaram profundamente na terra sua mãe, segundo a sua vontade, no lugar que ele havia designado; no lugar onde um dia outro Ser que sempre existiu, duas vezes nascido, derramaria todo o Seu sangue por todos os que nascem.

*

Pe. Leonardo Castellani, Doutor Sagrado Universal.

***